

POR UMA POLÍTICA ROMÂNTICA

Guilherme Foscolo

A república perfeita não teria de ser apenas democrática, mas ao mesmo tempo também aristocrática e monárquica; numa legislação de liberdade e igualdade o cultivado teria de suplantiar e conduzir o inculto, e tudo teria de se organizar num todo absoluto.¹

O presente ensaio pretende atender a um propósito duplo: esclarecer um grande equívoco registrado, talvez pela primeira vez, pela pena de Mme. De Staël (acerca da inatividade política dos alemães), e apontar para a confusa organicidade que reveste as publicações dos primeiro-românticos. Trata-se, portanto, de pôr em relevo alguns dos aspectos ético-políticos tantas vezes relegados nos estudos sobre o primeiro romantismo (é claro, em função da tentação de se estabelecer relações entre suas contrapartes mais óbvias: a estética e a gnosiologia). Romantizar o mundo, como pretendo demonstrar, não se trataria assim somente de uma aposta estética, mas de manifesto último de uma espécie de proposta política.

Reinhardt Koselleck, em sua obra *Crítica e Crise*,² faz alusão a um processo histórico que se inicia com o Absolutismo monárquico e culmina na Revolução Francesa. Para o autor, a instituição do Absolutismo trata-se de uma resposta construída às guerras civis religiosas que então se alastravam na Europa pelo século XVI; o estabelecimento de monarquias absolutas resultou na reclusão da liberdade dos indivíduos para o âmbito privado. Ali, no espaço do segredo, a opinião particular de cada um encontrou espaço para florescer – como crítica. O resultado desta crítica explode de maneira indelével na revolução de 1789. Trata-se de uma espécie de lugar-comum na literatura a constatação de que a Alemanha sempre ocupou um espaço à margem dos desenvolvimentos da grande-política da Europa – pelo menos até sua unificação, concluída em 1871 pelas mãos de Otto von Bismarck. Não é novidade nenhuma o fato de que a *intelligentsia* alemã,

¹ *Athenäum* §214. Todas as citações de Schlegel foram retiradas da tradução de Márcio Suzuki: Schlegel, Friedrich. *O Dialeto dos Fragmentos*. São Paulo, Iluminuras, 1997.

² KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise: Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

POR UMA POLÍTICA ROMÂNTICA

Guilherme Foscolo

diferentemente da francesa, seja retratada – pelo século XVIII – como uma classe burguesa em ascensão alocada num “[...] estrato muito distante da atividade política, [que] mal pensava em termos políticos, e apenas experimentalmente em termos nacionais; sua legitimação constituía principalmente em suas realizações intelectuais, científicas ou artísticas”.³ De modo que o país era governado por uma classe cortesã educada em francês, e que buscava reproduzir, da própria França, o padrão para a conduta cortesã; do outro lado, a *intelligentsia* alemã pouco ou nada decidia sobre assuntos da política. Norbert Elias, em sua já clássica obra *O Processo Civilizador*, chega mesmo a afirmar que “todo o movimento literário da segunda metade do século XVIII é produto de uma classe social – e, conseqüentemente, de ideais estéticos – que se opõe às inclinações sociais e estéticas de Frederico”⁴ – no caso, a classe social trata-se da *intelligentsia* burguesa em ascensão; Frederico, obviamente, representa a nobreza governante. E conclui da seguinte forma:

Por isso mesmo, nada têm a lhe dizer, e ele, por seu lado, ignora as forças vitais já ativas à sua volta e condena o que não pode ignorar, tal como o *Götz*. Este movimento literário alemão, cujos expoentes incluem Klopstock, Herder, Lessing, os poetas do *Sturm und Drang*, os poetas de “sensibilidade” e o círculo conhecido como *Göttinger Hain*, o jovem Goethe, o jovem Schiller e tantos outros, certamente não é um movimento político. Com raras exceções, não temos na Alemanha, antes de 1789, idéia alguma de ação política concreta, nada que lembre a formação de partido político ou programa partidário.⁵

A referência à inatividade política dos alemães, bem como a certo ímpeto pela imitação dos estrangeiros, trata-se na verdade de um equívoco antigo – em grande medida, já bem difundido pela época da publicação, em 1810, da famosa obra de Mme. De Staël:

³ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes* (v.1), p.28. A própria língua alemã era preterida ao francês: “O alemão, a língua das classes baixa e média, é pesado e incômodo. Leibniz, o único filósofo cortesão alemão, o único grande alemão dessa época cujo nome desperta aplausos em círculos cortesãos mais amplos, escreve e fala francês ou latim, raramente o idioma nativo. E o problema da língua, o problema do que pode ser feito com este desengonçado idioma, ocupa-o também, como ocupou tantos outros” (ELIAS, *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes* (v.1), p.29-30). Torna-se evidente o mesmo descaso com a língua alemã, por exemplo, em uma das passagens de Mme. De Staël a respeito de Lessing (grifo meu): “Era muito para uma nação sob o peso do anátema que lhe recusava o gosto e a graça, ouvir dizer que existia em cada país um gosto nacional, uma graça natural, e que se podia alcançar a glória literária por caminhos diversos. Os escritos de Lessing deram um impulso novo: leu-se Shakespeare, ousou-se dizer alemão na Alemanha, e os direitos da originalidade foram estabelecidos em lugar do jugo da correção” (MISSIO, Edmir. *De L'Allemagne de Mme. De Staël: apresentação e tradução de textos escolhidos*. Dissertação defendida em 1997, Campinas, UNICAMP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000118887>> Acesso em 1 de Março de 2010, p.77).

⁴ ELIAS, Norbert. Op. cit., p.35.

⁵ ELIAS, Norbert. Op. cit., p.35.

De l'Allemagne. Sobre a cisão entre classe governante e *intelligentsia* burguesa, Mme. De Staël diz: “Os nobres têm bem poucas idéias, e os literatos estão muito pouco habituados aos negócios”;⁶ ou ainda – “[...] a natureza do governo da Alemanha estava quase em oposição com as luzes filosóficas dos alemães”.⁷ O esforço na imitação dos estrangeiros, em função da ausência de um espírito nacional, é destacado em passagens como a seguinte – “em literatura, como em política, os alemães têm demasiada consideração pelos estrangeiros, não tendo preconceitos nacionais o bastante”.⁸ Sobretudo, encontra-se ali a estampa de uma Alemanha como terra de poetas e filósofos, a substituir o exercício da política pelo exercício de uma 'imaginação sem peias'⁹:

Os alemães souberam criar para si uma república das letras animada e independente. Eles compensaram o interesse dos fatos pelo interesse das idéias. [...] Os cidadãos desta república ideal, desligados na sua maior parte de toda espécie de relações com os negócios públicos e particulares, trabalham na obscuridade como os mineiros, e situados como eles em meio a tesouros sepultados, exploram em silêncio as riquezas intelectuais do gênero humano.¹⁰

Ora, nada mais contrário ao entendimento dos próprios alemães – pois que, se por um lado a Revolução Francesa parece encontrar um nicho extremamente peculiar no âmbito do próprio pensamento alemão, a criação de tal 'república das letras', bem como as discussões eminentemente filosóficas e literárias travadas ali, estão longe de ser consideradas como fenômenos *apolíticos*; ao contrário, a crítica entremescla-se com as profundas alterações políticas em movimentação na Alemanha *mesmo antes da*

⁶ MISSIO, Edmir. *De L'Allemagne de Mme. De Staël: apresentação e tradução de textos escolhidos*. Dissertação defendida em 1997, Campinas, UNICAMP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000118887>> Acesso em 1 de Março de 2010, p.70.

⁷ Ibidem, p.73.

⁸ Ibidem, p.69.

⁹ “Os escritores e pensadores, em sua maior parte, trabalham na solidão ou cercados apenas de um pequeno círculo dominado por eles. Entregam-se, cada qual em separado, a tudo o que uma imaginação sem peias lhes inspira; e se é possível perceber uns poucos vestígios da ascendência da moda na Alemanha, isto se deve ao desejo de que cada um sente em se mostrar completamente diferente dos outros. Na França, ao contrário, cada qual aspira a merecer o que Montesquieu disse de Voltaire: *Ele tem mais do que ninguém o espírito que todos têm*. Os escritores alemães imitariam mais voluntariamente os estrangeiros do que a seus compatriotas” (Ibidem, p.68-69).

¹⁰ Ibidem, p.75. Ou ainda, a título de ilustração: “Os homens esclarecidos da Alemanha disputam vivamente entre si o domínio das especulações, e nesta atitude não padecem de nenhum entrave; porém, abandonam de bom grado aos poderosos da terra tudo o que é da ordem real na vida. Este real, tão desdenhado por eles, encontra entretanto aquiridores que logo levam o tumulto e o incômodo ao império da imaginação” (Ibidem, p.73).

POR UMA POLÍTICA ROMÂNTICA

Guilherme Foscolo

Revolução.¹¹ Posto de outra forma, na Alemanha a revolução é transportada para o âmbito das letras – a filosofia crítica de Kant alavanca uma crítica da crítica, por assim dizer, e a movimentação no âmbito da literatura e filosofia daí provenientes assumem a forma de propostas políticas esclarecidas, não obstante estranhas à tradição política francesa. De fato, não são poucas as referências à Revolução nas revistas que compõem o cerne do romantismo, e é exatamente em um de seus fragmentos que podemos vislumbrar, de maneira inequívoca, a lucidez dos primeiro-românticos no que tange à consciência da revolução *política* que – muito embora tenha partido, de forma silenciosa, da própria 'república das letras' – já se punha em marcha na própria Alemanha. “A Revolução Francesa”, diz Friedrich Schlegel no *Athenüumsfragment* 216,

a doutrina-da-ciência de Fichte e o Meister de Goethe são as maiores tendências da época. Alguém que se choca com essa combinação, alguém ao qual nenhuma revolução pode parecer importante, a não ser que seja ruidosa e material, alguém assim ainda não se alçou ao alto e amplo ponto de vista da história da humanidade. Mesmo em nossas pobres histórias da civilização, que no mais das vezes se assemelham a uma compilação de variantes, acompanhadas de comentário contínuo, a um texto clássico que se perdeu, alguns livrinhos, nos quais na época a plebe barulhenta não prestou muita atenção, desempenham um papel maior do que tudo o que esta produziu.¹²

A Revolução, como tudo o mais na Alemanha de então, é conjugada pelo *medium* da filosofia – bem como as propostas políticas que, no primeiro romantismo, parecem ser direcionadas pelo conceito de *Bildung*. Há uma certa organicidade conceitual na filosofia do primeiro romantismo que torna quase impossível uma análise estanque de suas características – e é a partir de tal organicidade que a *Bildung* afigura-se como proposta estético-política. Parece-me inequívoco que os primeiro-românticos tenham reconhecido,

¹¹ Da mesma opinião é Terry Pinkard – para uma ampla referência do cenário político em ebulição na Alemanha mesmo antes da Revolução Francesa, a considerar a própria *Aufklärung* bem como a formação das 'casas de leitura' ou de uma 'república das letras', ver: PINKARD, Terry. *German Philosophy: 1760-1860, the legacy of idealism*. Cambridge University Press, 2002, “Introduction: 'Germany' and German Philosophy”. Reinhardt Koselleck chega mesmo a desvelar a natureza eminentemente política por detrás de tais 'casas de leitura', algumas das quais associadas a sociedades secretas como as casas maçônicas e a ordem dos iluminados; Koselleck sugere um deslocamento entre “Estado” e “Sociedade”: a ação política da sociedade se dá assim *contra* o Estado consolidado, portanto em segredo – e através das 'casas de leitura' aparentemente *apolíticas*. Para maiores detalhes, a destacar a participação de Lessing e Schiller, ver: KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise: Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, cap.2: “A compreensão que os iluministas tinham de si mesmos e a resposta à sua situação dentro do Estado absolutista”.

¹² Mais referências à Revolução Francesa em: *Athenäum* §251, §422, §424, §426, *Ideen* §41.

como um dos problemas intrínsecos da modernidade, seu caráter eminentemente fragmentário. “Para os jovens românticos”, diz-nos Frederick Beiser, “havia inequivocamente uma doença fundamental por trás de todas as formas de modernidade. Eles a denominavam de diversas formas: alienação (*Entfremdung*), estranhamento (*Entäusserung*), divisão (*Entzweiung*), separação (*Trennung*), e reflexão (*Reflexion*)”.¹³ Em síntese, os primeiro-românticos faziam oposição às três principais tendências fragmentárias da sociedade moderna: a fragmentação do próprio sujeito, o estranhamento entre sujeito e outro, o estranhamento entre sujeito e natureza.¹⁴

A fragmentação do sujeito ocorreria de duas formas: a) na separação entre razão e sensibilidade, em que a razão deve predominar e estar no controle dos sentimentos e desejos (parte da responsabilidade, sem dúvida, deve ser atribuída a Kant – haja vista uma manifesta superioridade do *entendimento* frente à *imaginação*)¹⁵; b) na tendência pela especialização, em que o sujeito passa a desenvolver apenas uma de suas capacidades em detrimento de todas as outras. A segunda tendência deriva da ascensão do mercado competitivo e de uma concepção de indivíduo que acabaria por se tornar modelo para as ciências econômicas: um indivíduo egoísta, racional e maximizador de utilidade. Por último, a separação entre sujeito e natureza teria sido em grande parte ocasionada pelos desdobramentos da física mecânica – “a natureza foi transformada numa grande máquina e a mente ou numa máquina menor a integrar a natureza ou num fantasma a habitar o lado de fora”;¹⁶ a natureza passa a ser vista, assim, como objeto que deve ser compreendido e domesticado para uso. Essas três formas, no fim, poderiam ser identificadas como um único problema fundamental: em todas elas o sujeito é alienado de algo de forma que agora este algo é apresentado como avesso ao próprio sujeito. Contra essas tendências fragmentárias os românticos sustentam precisamente o ideal da *Bildung*.

“Formação [*Bildung*]”, diz Friedrich Schlegel no fragmento 37 da *Ideen*, “é o sumo bem e a única coisa útil”.¹⁷ Afinal, do que trata precisamente a *Bildung* romântica? A

¹³ BEISER, Frederick. *The Romantic Imperative: the concept of early German Romanticism*, p.31, tradução minha.

¹⁴ A tese é de Frederick Beiser, e procuro desenvolvê-la em seus principais argumentos – cf. BEISER, Frederick. Op. cit., cap.2: “Early German Romanticism: a Characteristic”.

¹⁵ Lembremo-nos que em Kant a imaginação é uma faculdade sensual – ela opera uma síntese que deve ser reportada a conceitos pelo *entendimento*. No máximo, ela encontra-se em pé de igualdade com o entendimento no livre jogo que se opera diante de um objeto candidato ao estatuto de ‘belo’.

¹⁶ *Ibidem*, p.31-32, tradução minha.

¹⁷ Interessante notar a relação que a *Bildung* romântica guarda com o *sumo bem* aristotélico, a felicidade – uma análise mais pormenorizada, com destaque para os elementos específicos da resposta romântica aos elementos desagregadores da modernidade, em: BEISER, Frederick. Op. cit., cap.2: “Early German

Guilherme Foscolo

tradução da palavra para o português, em geral, tende a acompanhar as diretrizes do *Langescheidt: Bildung* – formação; educação; instrução; cultura.¹⁸ A definição do dicionário deixa escapar um aspecto fundamental: se devemos entender a *Bildung* como formação, como processo, tal formação não se restringe somente ao âmbito formal – refere-se também às experiências pessoais do indivíduo, isto é, ao mesmo tempo em que um indivíduo deve buscar o desenvolvimento de todas as suas capacidades, o conjunto de todas as capacidades particulares daquele indivíduo assegura sua individualidade. Ou, nas palavras de Schlegel: “Toda pura formação desinteressada é ginástica ou musical, visa o desenvolvimento de forças isoladas e a harmonia de todas elas”.¹⁹ A *Bildung* deve constituir-se em instrumento, para o indivíduo, que mantenha em exercício um jogo sintético entre o finito/particular e o infinito/universal. A *Bildung* romântica engloba, portanto, o ideal de auto-realização – e como auto-realização torna-se a principal ferramenta no combate à alienação característica da fragmentação de seu tempo. Torna-se, sobretudo, uma *proposta*. Como *proposta*, deve ser exercida por cada um no âmbito do particular – por exemplo, no interior das 'casas de leitura', como parece ser o caso do próprio círculo de Jena – e, ao mesmo tempo, nunca deve perder de vista o *universal*.

Constituindo-se como força unificadora, a *Bildung* faz oposição à força fragmentária da modernidade – e, como oposição, apresenta um antídoto para cada uma das suas formas de alienação. A fragmentação do próprio sujeito seria combatida pela reabilitação da importância da esfera da sensibilidade: razão e sensibilidade devem interagir em um todo unificado, de forma que o indivíduo possa agir moralmente em conformidade com sua inclinação, e não contrário a ela.²⁰ Pela proposta de um Estado orgânico, em que cada pessoa pudesse desenvolver sua própria individualidade somente através do amor e da livre relação com os outros, os românticos procuravam sanar o estranhamento entre sujeito e outro.²¹ O estranhamento entre sujeito e natureza teria fim tão logo a idéia de natureza orgânica fosse assimilada – a considerar um todo orgânico, o sujeito teria de se aceitar como parte inseparável da natureza e aceitar a natureza como parte inseparável de si mesmo.²² A relação entre modernidade e *Bildung* é assim marcada

Romanticism: a Characteristic”.

¹⁸ *Langescheidt Taschenwörterbuch Portugiesisch*. München, Langenscheidt, 2001.

¹⁹ *Athenäum*, §440.

²⁰ Cf., também, os fragmentos: *Athenäum* §242; §249; §252; §262; §339; §350; §441; *Ideen* §8.

²¹ Cf. *Athenäum* §31; §34; §49; §50; §86; §87; §214; §268; §342; §359; §364; *Ideen* §83; §152.

²² Cf. *Lyceum* §1; §82; *Athenäum* §198; §363; §430; §451; *Ideen* §19; §28. Do que depende grande parte da

por um fluxo entre finito/infinito, elemento desagregador e elemento unificador, particular e Absoluto, e não pode ser de forma alguma isolada das considerações estéticas do romantismo: “artista”, diz Schlegel no *Ideensfragment* 20, “é todo aquele para quem meta e meio de existência é formar seu sentido”. Vale lembrar que a auto-realização [*Bildung*] só pode ser desenvolvida socialmente; deverá, portanto, ser desenvolvida dentro de uma comunidade e, em última instância, *em sociedade e apesar* de um Estado. Romantizar o mundo, assim, não se trata somente de uma aposta estética – mas de manifesto último de uma espécie de proposta política. Ou, como atesta o fragmento 54 da *Ideen*:

O artista pode tão pouco querer governar quanto servir. Só pode formar, nada além de formar: para o Estado, portanto, só pode fazer isso formando governantes e servidores, elevando políticos e ecônomos a artistas.

Referências

BEISER, Frederick. *The Romantic Imperative: the concept of early German Romanticism*. Harvard University Press, 2003.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes* (v.1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1994.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise: Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

MISSIO, Edmir. *De L'Allemagne de Mme. De Staël: apresentação e tradução de textos escolhidos*. Dissertação defendida em 1997, Campinas, UNICAMP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000118887>> Acesso em 1 de Março de 2010.

PINKARD, Terry. *German Philosophy: 1760-1860, the legacy of idealism*. Cambridge University Press, 2002.

SCHLEGEL, Friedrich. *O Dialeto dos Fragmentos*. Trad. de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

Naturphilosophie romântica – cf., por exemplo, BEISER, Frederick. Op. cit., cap.9: “Kant and the *Naturphilosophen*”.